



*Vestido Lilás
e Outras
Histórias*

Crônicas | Cartas | Contos

Luandro

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

*Vestido Lilás
e Outras
Histórias*





Vestido Lilás
e Outras
Histórias

Crônicas | Cartas | Contos

Luandro

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

© Luandro

Editora Executiva: **Cássia Oliveira**

Projeto gráfico: **Estúdio Caverna**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Andreia de Almeida CRB-8/7889

Luandro

Vestido lilás e outras histórias: crônicas, cartas, contos [livro eletrônico] /

Luandro.-- Sorocaba : Recanto das Letras, 2017.

200 p. : il.

ISBN: 978-85- 69943-56-3 (e-book)

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras 3. Poesia brasileira I. Título

17-1947

CDD B869.31

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas brasileiras

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da autora.

Sumário

| | |
|---|----|
| PREFÁCIO | 11 |
| DEDICATÓRIA | 13 |
| HOMENAGEM DEVIDA A MINHA MÃE | 15 |
| A LETRA A COMO SUPERAÇÃO DE BARREIRAS | 19 |

Crônicas

23

| | |
|-------------------------------|----|
| VESTIDO LILÁS..... | 25 |
| QUANTO CUSTA UM BEIJO?..... | 27 |
| A CAIXA DE LÁPIS DE COR | 29 |
| SER MULHER | 31 |
| AINDA UM MENINO?..... | 33 |
| PÁSSAROS QUASE SEM ASAS | 34 |

| | |
|---|-----------|
| MENDIGOS..... | 36 |
| GRADES..... | 37 |
| DOIS JOVENS: MUITO JOVENS E UM APELO..... | 39 |
| AMOR PRA RECORDAR..... | 41 |
| O OLHAR MÁGICO E ETERNO DE ALMAS GÊMEAS..... | 43 |
| É PRECISO ACREDITAR!..... | 45 |
| UM EXEMPLO DE SOLIDARIEDADE..... | 47 |
| CASTELOS DE PAPEL..... | 49 |
| CONTANDO ESTRELAS..... | 51 |
| FUTURO SEM SONHOS..... | 55 |
| O LUXO, O MENDIGO E A FELICIDADE..... | 57 |
| QUANTOS TIPOS DE SILÊNCIO HÁ?..... | 58 |
| EXIGÊNCIA..... | 62 |
| “A CRIANÇA QUE FUI CHORA NA ESTRADA”..... | 64 |
| UM BEIJO E DOIS DESTINOS..... | 66 |
| INSTANTES APRISIONADOS PARA SEMPRE..... | 69 |

| | |
|--------------------------------------|-----------|
| ÓRFÃ DE CARINHO..... | 72 |
| VENTRE MATERNO..... | 75 |
| RAZÃO DA PRÓPRIA VIDA..... | 77 |
| SOLIDARIEDADE SEM LIMITE..... | 79 |
| MENSAGEIROS DE DEUS..... | 83 |

Poesias..... 87

| | |
|--------------------------------|-----------|
| SOLETRANDO SAUDADE..... | 89 |
| TEIA DA VIDA..... | 93 |

Contos..... 95

| | |
|---|------------|
| APENAS UM VIRA-LATAS..... | 97 |
| LÁGRIMAS DIFERENTES..... | 100 |
| QUEM É PINGO?..... | 106 |
| MEU VIRA-LATAS, MALHADO, ENSINOU-ME..... | 109 |

Contos Sobrenaturais.....111

QUEM ERA O CACHORRO?..... 113

SERIAM SÓ BORBOLETAS? 115

QUEM AJUDOU A GAROTA?..... 117

MUITO ALÉM DAQUELA LUZ 119

ALÉM DA VIDA OU MORTE..... 121

QUEM ACENDEU AQUELA VELA? 124

A COBRA E O BEBÊ 127

A BRUXA E OS LADRÕES..... 129

BELEZA CRUEL 132

O ESPELHO 134

OLHOS MANSOS QUE ACARICIAM DO INFINITO 136

A MOURA ENCANTADA E MORTAL 140

*Cartas, Mensagens e
outros Textos..... 143*

UM DIA INESQUECÍVEL 145

MINHA QUERIDA PROFESSORA 147

CARTA A UM ESTUDANTE BRASILEIRO 149

UM APELO: CARTA AO PAI QUE PARTIU 152

VOCÊ CHEGOU COM O SOL..... 156

MEU QUERIDO FILHO 159

AMADA... MUITO AMADA CRIANÇA 162

ANJO NA TERRA 164

QUANDO COMECEI A TE AMAR? 165

NÃO CORTAREI A MINHA CRUZ 167

ENTREGA TOTAL..... 169

O PAI VOLTARÁ A SER FILHO 171

SER UMA PESSOA MELHOR 172

PODES ME CHAMAR 174

| | |
|--------------------------------|------------|
| O VAZIO | 176 |
| CASA ENCANTADA..... | 178 |
| FUMAÇA DO PASSADO | 179 |

Orações.....181

| | |
|--|------------|
| ENSINA-ME, SENHOR..... | 183 |
| A LINGUAGEM DA ALMA | 185 |
| PRECE AO MENINO-DEUS..... | 186 |
| PÁGINA EM BRANCO PARA DEUS..... | 188 |
| O AMOR É O ÚNICO TESOURO..... | 190 |
| A SÓS COM DEUS | 192 |
| MILAGRES..... | 194 |

PREFÁCIO

Vestido lilás e outras histórias é a prova de que “viver é experimentar incertezas e expor-se emocionalmente”. Creio que assim falou Brené Brown. Somos, sem dúvida, seres vulneráveis. Dizem, entretanto, que essa condição não é exatamente uma fraqueza, mas uma condição para viver a vida com coragem.

Convido todos a lerem alguns fragmentos retirados dessa vida que tentei e ainda tento viver. São trechos marcantes com os quais tentei “desarmar” as minhas lembranças, mesclando passado e presente. Há trechos, entretanto, que permanecem na penumbra. Parece que os “apaguei” por tanto sofrimento.

Durante uma vida cheia de quedas, a todo custo queria fazer o melhor. Não ser fraca, sem, no entanto, dizer que era forte. Todos me viam assim. Não era verdade. Sorrir tem tantos e amplos significados.

Eu não soube lidar com os dois lados dessa moeda mágica, chamada de emoção. Para não ser mais vulnerável, distanciei-me de experiências pessoais que dariam real significado à minha vida.

Eu nunca tive vergonha de errar. Durante os anos, colhi exemplos de que era uma profissional de elevado preparo. Tudo pronto. Tudo na hora...

Mas, tentando fazer o melhor, tive medo de dizer àqueles a quem tanto amava que precisava de um abraço e de um gesto de carinho. Lágrimas não comovem ninguém. É preciso saber partilhar os fracassos, ainda que quem nos cerca não queira. O importante é não acreditarem que somos capazes de resolver tudo. Não somos, principalmente porque somos apenas pessoas.

Hoje, sem mágoas, aprendi que quanto mais me disseram, em criança, que eu era ninguém, mais coragem eu tive para ir em frente, mesmo depois de ter ido ao fundo do poço.

Luandro

DEDICATÓRIA

Eu não tenho bens materiais. Esta é a razão pela qual, ao partilhar este amor pela magia das palavras, faço-o na certeza de que é tão singelo o que escrevo como foi a minha vida... Bem sei que existem produções mil vezes melhores, muito melhores...

Mas, palavras são sementes poderosas que chegam ao coração. Assim, ao olhar no horizonte, sem temor, eu vejo que há sempre um caminho para semear esperança. Neste caso, o meu é deixar a alguém que leia um pouco do que tentei dizer ou fazer. Um pouquinho de sementes que tanto carregam em beleza e sensibilidade, ainda que, em vida, por minha fragilidade humana, eu não tenha sabido viver. Essa é, portanto, a minha única e eterna herança.

É como se, mais uma vez, eu estivesse lançando as redes ao rio da vida e sabendo que não foi em vão cada momento que deixei de viver e que, pelo amor, foi possível transformar em palavras, pedaços de uma história inacabada – que é a minha vida – e sempre foi.

Assim, dedico este simplório trabalho a Deus, autor do meu destino, autor de tudo. Como alguém já disse, “a Ele devo as palavras, os pontos, as vírgulas...” Nada haveria sem a fé que é o meu alimento. Só Ele me levantou na hora da maior da angústia, quando todos se afastaram e – só – pensei que seria o fim. Aliás, Deus continua a me sustentar.

Dedico este trabalho a meu pai, que me deixou aos cinco anos e, pelo pouco que dele sei, foi meu exemplo. À minha mãe, uma pessoa admirável, que nunca pôde aprender a ler, mesmo quando, sempre quisesse ensiná-la. Mas, creio que ela preferiu continuar a sonhar com o fato a concretizá-lo. Era um passarinho que cantava de manhã à noite, estendendo as suas belas asas a todos que a conheciam. Aqui está muito dela. Também não deixo de lembrar o meu padrasto, por tudo que fez.

Dedico este trabalho a meu filho, que, mesmo distante, continua sendo a minha realização na Terra. E, como ele dizia sobre a minha chegada antes do anoitecer, torno minhas as palavras dele: “MAMÃE, VOCÊ CHEGOU COM O SOL!”

Dedico este conteúdo a meu pequeno neto, como avó materna, que mal o conhece e que nunca, nunca, deixa de estar em meus sonhos e em minhas orações, na certeza de que ele se tornará, uma pessoa maravilhosa, vivendo, confiante, o caminho da felicidade. Meu neto é – como alguém já disse – “o fruto de amor que atinge a plenitude na colheita, e esta sempre chega no seu tempo certo.” Por isso, por mais que haja distância, dedico-o também à minha nora, que tornou possível a existência dele.

Dedico este trabalho a todos os meus amigos, colegas, em especial à professora Graça, e a meus alunos que tanto me ensinaram pela vida. Todos foram um presente para mim.

Como não poderia deixar de ser, dedico esta pequena obra ao próprio Recanto das Letras, ou seja, a todos, em especial, a uma pessoa que não conheço pessoalmente e tem o poder de transmitir luz, Cássia, que a tudo ultrapassa, por sua competência e aos companheiros que tanto e melhor escrevem do que eu e, sem dúvida, com seus comentários têm me ajudado a prosseguir, estimulando-me a atingir este momento que, para mim, iguala-se à chegada ao Rio de Janeiro, há tantos anos, eu nada conhecia e, levada pela mão de minha mãe, comecei uma nova vida. A diferença está só no tempo. Naquele dezembro de 1956 eu ia iniciar uma caminhada sem nada saber. Hoje, aos 68 anos, continuo a caminhada e nada sei.

Luandro

HOMENAGEM DEVIDA A MINHA MÃE

Narração de fatos apurados pela memória de muitos que ali viveram

Eras feita de ternura e coragem. Uma renda tão fina que a tesitura traía a mão delicada de quem a fizera.

Nunca quase nada tiveras. No entanto, teus pés pisavam o chão de pedras com a alma no eterno sonho: o de ser feliz. Já sentias que felicidade era constituída de minúsculos fragmentos.

Pequena pastora, que ovelhas guardavas nos distantes verdes campos. Tua voz – que sempre admirei, era do mais belo pássaro canoro. O som cristalino e suave, por certo, apaziguava os animais.

Menina – mulher, pequena estatura, corpo escultural, que todos admiravam. Vestida de roupas humildes – tu te vestias do que davam e no teu instinto ajeitavas – a lavar os longos cabelos negros no rio para secá-los ao vento. Um quê de místico no que dizias, no teu sorriso e no olhar de mel. Eras a mais velha de sete irmãos e foste colocada para “servir”.

Na verdade, era menos uma boca em casa para alimentar. Alguns anos ali ficaste, mas foste chamada pela morte de minha avó a tomar conta de todos. A tempestade se formava. Apesar do turbilhão de ofensas, de todos cuidaste sem medir esforços, multiplicando o tempo entre o serviço rural e o cuidado com meus tios e tias. Os tios iam à escola; “mulher não precisava aprender a ler”, apesar de a tantos ajudar.

Mas, de um amigo trazido em dia de colheita te enamoraste, um filho tiveste. Lindo menino. Uma criança sem pai, em plena aldeia. Um pecado sem perdão para o preconceito da época. De casa foste expulsa. Dormiste ao relento, exposta à nevasca. Foste

hospitalizada. Ao voltar, teu menino – sem exagero – em trapos en-
contraste. Enfim, porque de ti precisavam, pois, meu avô uma perna
fraturara, deixaram que retornasses e aquecesses teu pequeno, à bei-
ra da lareira.

Tudo isso, porém, te valeu os anos mais difíceis que já tiveste.
Eras um nada em casa e para o povo que murmura sem pensar. O
tempo passou. Todos criaram asas e voaram. Muitos para o Brasil
emigraram. Meu avô partira. Agora, detinhas a responsabilidade to-
tal por tudo. Não havia um homem que chamasses e que não disses-
sem que seria teu amante.

Certo dia um homem triste – separado da esposa – bem mais
velho, a ti se chegou, devagarinho, pois sabia que não eras o que
falavam. Dois corações se enlaçaram.

Outro absurdo para aquela aldeia. Como? Poderia ela aceitar
viver com um homem separado. Mas, foste feliz... Não totalmente.

O laço de respeito e de segurança falou mais alto por pouco
mais de cinco anos. Em breve, dobrarias os braços em eterna ansie-
dade. Teu companheiro se foi em uma tarde nublada de Coimbra
com uma doença terminal. Ninguém dele cuidou. Ninguém, os teus
receios, viveu.

Só que dessa união, teu ventre dera à luz, depois de uma que-
da muito grave, a esta narradora, que, em todos os sentidos, prema-
tura nasceu, atrás de montanhas longínquas e rios que serpenteavam
o lugar, tão verde e florido, que mais parecia um ambiente de “Alice
no país das maravilhas”. Hoje – eu nunca mais voltei – é tombado
pelo patrimônio histórico porque seus monumentos de pedra re-
montam à invasão dos árabes.

Tua filha com cinco anos, o irmão com nove, sozinha ficaste.
Os parentes de meu pai nem ao enterro te deixaram ir. Quanto a
mim, nunca fui reconhecida como irmã. Os nomes que me davam,
podem imaginar. A língua é rica para dar nomes a crianças “ilegíti-
mas”. Aliás, até o padre não queria batizar-me. A falsidade travestida

de bondade te apontou o caminho de um “paraíso”. Iriam ajudar-te em tudo.

Assim, levada pelas promessas, em década remota e preconceituosa, aqui chegaste, após dez dias de viagem de navio. Ainda me lembro do gosto do café com leite na praça Mauá de então. Tua vida foi a antítese do que disseram. Continuavas falando. Foste trabalhar por longos anos como doméstica. Eras analfabeta.

Eu fui morar com esses parentes muito abastados em um sótão cheio de baratas, mas no qual aprendi a contar estrelas, sentada no telhado, aos seis anos, sem poder dormir. Meu irmão foi trabalhar com outra família. A roupa que eu trouxe era de “caipira”. Passei a ser o exemplo de tudo negativo. Só ouvia. Não falava.

Tudo isto nunca soubeste. Eles eram “ótimos”. Seu falasse, apanhava mais do que já faziam.

Sem fitas de criança, brinquedos ou bonecas, sentia, porém, o vago perfume de um sonho ainda distante.

Minha mãe, jovem que era, outro companheiro encontrou e, desta vez, com ele se casou. Deram-lhe, entre tantas habitações que tinham, um barraco de madeira. Pouco tempo depois me levaste para lá. Tantas vezes o pinteí, com os meus quase doze anos. Lá, eu tinha um jardim só meu. O cheiro de roupa muito limpa que para fora lavavas, pois tudo de novo recomeçaste.

Que estranho... As palavras não absorvem o que eras. Ah! Se tua filha soubesse o que querias, teria esquecido o amor que o destino também lhe roubara, aos dezessete anos e se casaria com o cavaleiro andante que lhe arranjaste e que tanto a presenteava. Ele a amava. Ela não. O coração dela não aprenderia. Nunca – aquele jovem – a entenderia ou o perdão lhe daria.

Perdoa-a, se puderes. Ela tudo confundiu. Viveu por viver. Mas, não soube obedecer à tua experiência de vida. Preferiu seguir ilusões. É tão rude e triste saber que encontrou o amor ideal e este

lhe foi roubado – tu não gostavas do primeiro namorado. Mais triste ainda quando se percebe que jamais se repetiu.

Muito tempo passou. Alegrias tiveste. Tua filha de ti sempre cuidou. Ela não esquece o vento desmanchando teus cabelos de neve, embora não mais a reconhecesses. Estarias, em breve, para sempre adormecendo.

Hoje, ela não mais olha o espaço azul. Quase não enxerga. Mas sente que suas mãos estão cheias da tua coragem e dos luandros – flores azuis que lhe davas do lado de lá do Atlântico.

Duas pontas de uma vida "atada por luandros". Com uma diferença, os luandros de hoje são em sua homenagem. São a prova de que tua filha não soube ver a sutileza de receber a beleza do amor e o veneno de o procurar para sempre.



A LETRA A COMO SUPERAÇÃO DE BARREIRAS

Eu gostaria de ter o dom da palavra para dar a certas narrativas a intensidade que merecem. Mas, quanto mais são intensas, parece que as palavras fogem e fica o sentimento em um compartimento especial do coração.

Sempre me perguntei o porquê de minha mãe não querer aprender a ler. Creio que, hoje, depois de tanto tempo que a perdi, a razão ficou transparente.

Ela não pôde fazê-lo na data certa. Meu avô e os preconceitos da época não deixaram. Ela tinha vergonha de não saber. Contudo, ela assinava o nome dela perfeitamente e fora capaz de copiar – acreditem – uma carta inteira, por necessidade da época, ao virmos para o Brasil.

Porém, o que importa, nesta narração, é mostrar a luta por ela empreendida, ao querer aprender a fazer um a do nome de meu padrasto, não obstante tivesse se casado com ele há longos anos e ele já falecera. Ocorre que trabalhara tanto que a tudo foi enfrentando, sem ter tempo de pensar naquilo com que sonhava.

Não. Ela não queria fazer qualquer A. O seu desejo era fazer um igual ao meu, ou seja, A, todo trabalhado.

Sempre que podia, já em idade mais avançada, pois ela nunca parara, eu a encontrava treinando. Ela tinha uma caneta reservada e um caderno que pedira só para isso. Ela o escondia e, com o sorriso maroto, dizia que estava tentando. Eu havia indicado por onde começar e como fazer.

Não sei quantas páginas ela tentou só aquela letra e, depois, ligá-la ao nome. Todos têm um jeito próprio de lidar com as questões fundamentais da vida. Ela descobrira que, embora não sabem-

do ler poderia, de forma adorável, fazer o seu nome de modo mais bonito. Para ela, essa busca da perfeição já concedia-lhe um brilho único nos olhos, que, ainda hoje, permanece em meu coração. Nunca... Nunca o esquecerei.

Ela desenvolveu esse lado adorável de guerreira sem armadura, frágil, mas de extrema força, certamente tinha um temperamento forte e de tudo queria participar, mas, não falava sem refletir. Era uma pessoa de luz incomum.

Um dia escondida no seu sorriso maroto, a vi trazendo nas mãos uma folha do caderno que escondia. Nela, estavam várias assinaturas com a letra que tanto queria, em estilo rebuscado e, ela, ansiosa, perguntava:

– Está bom? Está bom?

Quando eu disse que sim, ela sentenciou, agora ninguém mais ficará rindo de mim, quando for ao banco receber a pensão de teu padrasto.

Pode parecer sem valor o que ela conseguiu. No entanto, foi uma das maiores vitórias de sua vida. Com isso, venceu o preconceito de atendentes – naquele tempo havia poucos bancos de atendimento eletrônico e nem todos tinham paciência para que ela fizesse aquele A. Ela não queria o outro – mais comum e bem fácil.

Logo depois, disse:

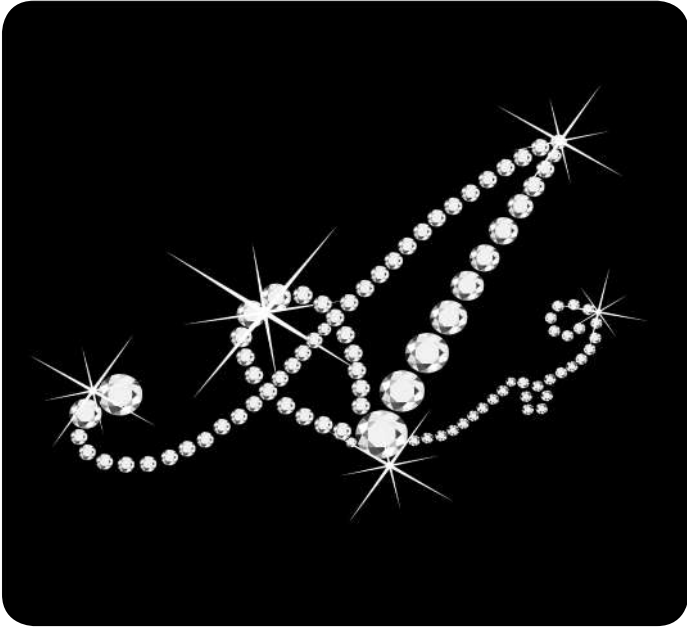
– Agora, eu quero ver me mandarem só colocar o meu dedo (impressão digital). Eu já sei assinar o nome todo, a parte dela e a de meu padrasto.

Por isso, quando mais tarde, por problemas de derrames, ficou tetraplégica, ela disse para mim:

– Deus, tirou-me aquilo que mais precioso deu: minhas mãos e meus pés.

Não! Querida mãe, onde estiveres, eu discordo: o que de mais precioso você tinha era essa mente maravilhosa e a capacidade de

nunca desistir. Onde estiver, sabe bem que é meu exemplo, principalmente nos piores momentos.



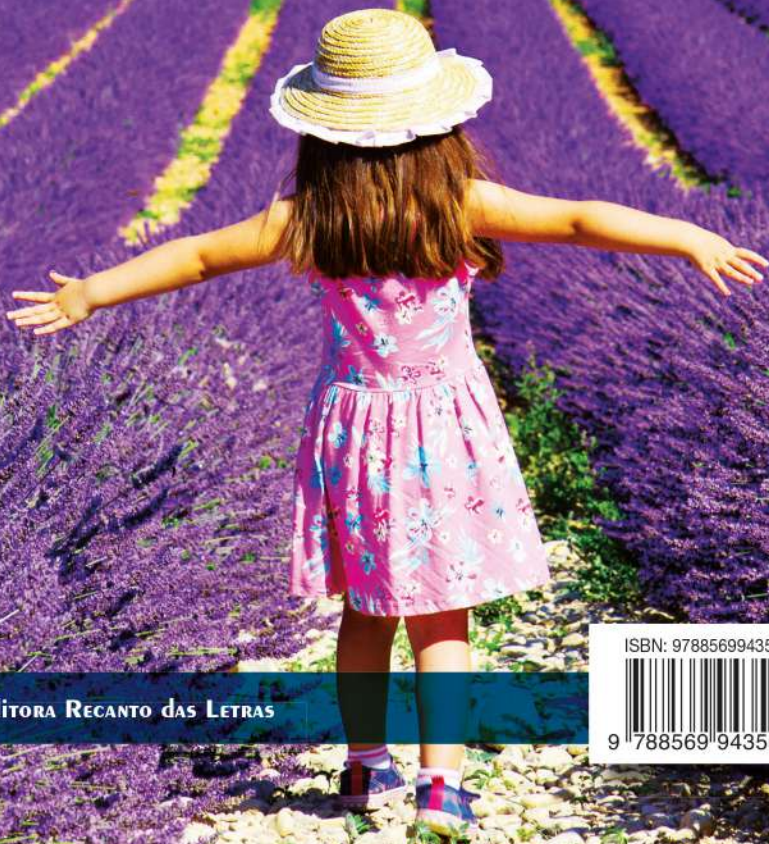
“Era uma menina em rascunho. Não era feia. Pelo contrário, era bonita. Não uma beleza pura. Mas era. Só muito tarde saberia...

Logo que entrou, a garota viu e nunca mais esqueceu: um vestido lilás, com bordados brancos no peito, salpicados de florezinhas também lilás. Nada demais. Lindo para aquela garota.

...Notou que, a seu lado, no jardim, cresciam, entre outras mais nobres, muitas flores da cor lilás. Eram bonitas. Ainda há muitas por aí. Crescem como uma menina qualquer em qualquer lugar.

Hoje, ao abrir a gaveta de guardados na memória, ela ainda tem o rascunho do vestido lilás. Seguiu sua vida feita de muitos desenhos, alguns passados a limpo, intensamente vividos. A maioria não passou de um desenho inacabado, como o vestido lilás.”

Luandro



EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN: 978856994356-3



9 788569 943563